
PIONEIRISMO: DISCURSO POLÍTICO E IDENTIDADE REGIONAL*

JOSÉ MIGUEL ARIAS NETO**

RESUMO: O presente trabalho, baseado em fontes orais, objetiva investigar os alcances e limites das representações do progresso no âmbito da sociedade local e regional.

UNITERMOS: história, história oral, memória, Londrina, norte do Paraná

1. INTRODUÇÃO

As transformações de Londrina e do Norte do Paraná, tão brutais quanto vertiginosas tornaram seu passado (recente) longínquo. A nossa memória está em perigo.

As novas gerações, via-de-regra, não reconhecem os antigos habitantes de nossa cidade como pessoas ativas que foram e ainda são. A cidade agita-se nas águas revoltas do presente. As lutas e os conflitos pela sobrevivência absorvem nossa atenção, preenchem o nosso dia.

Transferidos para o remoto passado da cidade, os velhos são despojados de suas vidas e experiências: seu passado desapareceu, seu futuro é a morte!

Como observa NOVAES:

"Nossa história foi construída no esquecimento (...) Sem passado e sem futuro, esta história oficial esvazia não apenas nossos pensamentos mas principalmente a própria

* Versão semelhante deste texto foi apresentado na Conferência Internacional de História Oral realizada de 18 a 23 de outubro de 1994 na Universidade de Colúmbia, Nova York.

** - Professor do Departamento de História - Universidade Estadual de Londrina - Campus Universitário - Londrina - PR - 86051-970.

idéia de História. Narrar a história de um povo a partir apenas do tempo presente, tempo fragmentado, direcionado, instante fugidio tido como único tempo real, é negar a articulação de época e situações diferentes, o simultâneo, o tempo da história e o pensamento do tempo. (...) Esquecer o passado é negar toda efetiva experiência de vida, negar o futuro é abolir a possibilidade de novo a cada instante" (1929:9).

Memória-História, as relações entre ambas permite redimensionar o passado e desentranhar da vida presente os planos para o futuro. Trilhemos esta via em nossas reflexões.

Localizada no Norte do Paraná, a cidade de Londrina conta hoje com, aproximadamente, 500 mil habitantes. Fundada em 1929 e elevada a município em 1934, foi formada por uma companhia imobiliária privada (Companhia de Terras Norte do Paraná - CTNP) de origem inglesa, durante a expansão da frente cafeeira paulista.

No pós-Segunda Guerra, houve um espantoso surto de desenvolvimento, levando à construção das representações de Londrina e do Norte do Paraná como Terra da Promissão e Eldorado, ou seja, como terra do progresso e dos homens e mulheres que para lá se dirigiram como pioneiros.

O presente trabalho, baseado em fontes orais, objetiva investigar os alcances e limites das representações do progresso no âmbito da sociedade local e regional.

Quer-se pois, saber se o discurso do progresso está presente em uma memória coletiva, ou seja, se os habitantes de Londrina adotam a perspectiva do progresso como referência para conduzir a narrativa de suas experiências vividas, se aquele discurso é apenas uma dimensão secundária em suas lembranças ou se ele foi reelaborado em função de necessidades de grupos sociais distintos.

São múltiplas experiências da cidade e região que se pretende encontrar e assim criar a possibilidade para a construção de uma narrativa comprometida com a tarefa de reinterpretar a história local e regional questionando os fundamentos da historiografia tradicional.

Vários profissionais das ciências humanas têm produzido e utilizado fontes orais com objetivos diferenciados. As experiências realizadas a partir do trabalho com fontes

orais no âmbito da História, têm indicado que os procedimentos de realização de entrevistas, transcrição e publicação de depoimentos, bem como sua análise, envolvem problemas teóricos-metodológicos, cujo núcleo central de reflexões é constituído pelas relações entre memória e história.

Nesta perspectiva as considerações de Maurice Halbwachs são fundamentais. Para ele a memória é uma reconstrução do passado em função do presente e se sustenta somente no interior de um grupo social. Assim as lembranças embora aparentemente individuais, são na realidade, produtos de múltiplas experiências coletivas a medida em que os homens participam de vários grupos ao longo de suas vidas (família, escola, trabalho, etc).

Pela rememoração, trajetórias são reavaliadas, identidades reconstruídas, espaços recriados, futuros anunciados. Segundo Halbwachs, uma memória é sempre discurso socializado pela linguagem. Pela fala o memorialista expressa as convenções socialmente produzidas, quadro mais elementar e mais estável da memória coletiva (HALBWACHS, 1950:36).

Optamos pois, por recolher depoimentos baseados em entrevistas semi-estruturadas, privilegiando-se a interrogação de vida em relação às representações elaboradas no âmbito do discurso do progresso.

Para selecionarmos os depoentes adotamos dois critérios. O primeiro é a contemporaneidade à elaboração das representações da cidade como Eldorado, ou seja, o depoente deveria ter se estabelecido em Londrina entre os anos trinta e meados dos anos cinquenta.

Por outro lado, para perceber a penetração dos discursos sobre a cidade em múltiplos universos sociais, entrevistamos pessoas pertencentes a níveis diferenciados do espectro social: agricultores, comerciantes, profissionais liberais, políticos, operários, trabalhadores urbanos e rurais.

Ao todo, foram coletados dezessete depoimentos de pessoas de diferentes classes sociais, cuja faixa etária varia de 68 a 87 anos e que se fixaram em Londrina entre 1933 e 1950. Esse conjunto totaliza vinte horas de gravações e mais de quinhentas páginas datilografadas de transcrição, além de fichas de depoimentos, termos de doação e caderno de campo.

2. A MARCHA PARA OESTE E O NASCIMENTO DO ELDORADO

"Eu nasci em Jaú... e depois vim para Pederneira e fiquei mais trinta e dois anos aí, não é, em Pederneira. Depois vim para cá (...) E, sabe, lá a terra ficou meio velha e a família era grande. Meu pai tinha sete filhos e não dava para todo mundo. Eu via que aquilo, ao invés de melhorar ia piorar. Precisa trabalhar que nem louco. Na roça não tinha futuro, era terra velha e cansada, não é? Aí eu arrisquei a vida, não tinha dinheiro não! Aí aquela fama, vinha corretor, ia daqui para lá, não é? E que lá é bom e tudo (...)" (Sr. Antônio Menolli, carroceiro aposentado, ex-sitiante, 83 anos).

"Bom, eu vim para Londrina porque a minha região, ao tempo que eu me formei no Rio de Janeiro (...) era decadente. E pode-se dizer que todo o estado de Minas Gerais passava por um período de depressão e era (...) naquele momento, um estado pobre. E a mocidade, as gerações novas, tinham pouca oportunidade (...) Aí veio a crise em trinta e que prolongou-se... Até 1940 todo o Brasil estava em crise... E a gente então, em face da notícia: o Paraná tem uma zona muito boa, muita produção, é fácil adquirir terra, todo mundo pode adquirir terra sem ter dinheiro, a crédito - isso aqui encheu em pouco tempo, não é?" (Sr. José Hosken de Novais, advogado, ex-prefeito, 75 anos).

Nos anos vinte, surgem diversas companhias imobiliárias interessadas na comercialização de terras do estado do Paraná. Estas companhias adquiriam grandes parcelas territoriais do estado, interessado em projeto de povoamento.

Entre outras, e sem dúvida a maior e mais importante, foi a Paraná Plantations Syndicate - CTNP - que adquiriu 515.000 alqueires (1 alq = 24.200m²) no norte do estado e implantou um projeto imobiliário baseado na pequena propriedade e na fundação de cidades, próximas umas das outras, que seriam os núcleos difusores do projeto.

Londrina foi o primeiro destes núcleos. A CTNP realizou intensa propaganda em todo o Brasil, na qual apresentava o norte do Paraná como uma nova Terra da Promissão.

E: A Sra. já tinha ouvido falar do Norte do Paraná quando a Sra. veio para cá? D: "Já, porque o Norte do Paraná fez propaganda como galinha quando bota ovo, não é? Que cocoreca bastante! Não tinha um pedaço do Brasil que não tivesse propaganda no Norte do Paraná! Toda parte tinha. Inclusive eles iam buscar gente no norte do Brasil para vir trabalhar em Londrina (...)" E: E o que se falava do Norte do Paraná nesta época? D: "Ah! Que tinha muito dinheiro. Corria muito dinheiro. Que o povo todo era rico" (D. Maria Angélica de Lima, pequena proprietária, 79 anos).

Se por um lado a publicidade tornou a região conhecida em todo o país, por outro vários fatores contribuíram para o seu *pequeno* desenvolvimento até o final dos anos trinta.

O crack da bolsa de 1929, a queda dos preços do café, as convulsões políticas do Brasil e o início da Segunda Guerra Mundial foram responsáveis pela baixa venda de terras no período e pela própria venda da companhia inglesa ao grupo empresarial Vidigal-Mesquita de São Paulo em 1944.

Após 1945 no entanto, o fim da guerra, a elevação dos preços do café e da convicção generalizada de que o Paraná era o lugar do futuro, provocaram um rush populacional e um boom econômico sem precedentes na vida do estado.

"O crescimento da cidade espantava todo mundo. Aqui, por volta de 44, 45, esta avenida Paraná (avenida central) era um passar de caminhões, um atrás do outro. Caminhões de mudanças! Sabe como é? Um atrás do outro: passando, passando, não é? (...) Quer dizer, essa vertigem, não é?... Deixava a gente assim, de fato perplexo, sabe como é? Onde vai tanta gente? Para onde vai tanta gente? O que vai fazer tanta gente aqui nessa região? era uma

*coisa... um fato extraordinário, um fato extraordinário...
Nunca tinha visto!" (Sr Milton Menezes. ex-prefeito,
advogado, 78 anos).*

Extraordinário! O sentimento - vertigem, perplexidade - do sujeito que fala define o marco temporal da memória e a aceleração vertiginosa da história anunciando o início de uma nova era. Mas não é para menos. Entre os anos de 1940 e 1950 a população do Paraná passou de 1,2 para 2,2 milhões de habitantes.(+ 73,26%).

Somente na região norte, a população cresceu de 0,3 para 1,0 milhão de habitantes (+ 189,35%). Neste período foram fundadas 250 cidades na região e a população de Londrina cresceu 100% em 7 anos, passando de 21.000 em 1944 para 42.000 em 1951. Todos os negócios prosperaram, comércio, indústria e agricultura, pois,

*"...às vezes o sujeito vinha na minha oficina: - como é,
tem carroça aí pronta? - Não, eu tenho, mas não dá, para
hoje não dá, não posso. - Quanto que é a carroça? - Um
conto e cinquenta! - Bom se me entregar hoje eu pago dois
contos. Eu não dava conta. Cheguei a fazer quinze carroças
por mês mas a tabela era de dez carroças e quatro
charretes. Eu não dava conta" (Sr. Jacintho Tosetti, oficial
mecânico aposentado, 84 anos).*

*"Todo mundo ficava doido, era a corrida do ouro! O
Eldorado: Era o oeste, você tinha tudo! " (D. Severina
Alho, dentista aposentada, 76 anos).*

Em 1949 as estatísticas registraram números assombrosos: 478 indústrias, 878 estabelecimentos comerciais, 45 hotéis e pensões, 4 cinemas, 154 consultórios/escritórios. A produção de café passou de 865 toneladas em 1938 para 20.340 toneladas em 1947. Em 1948 estimava-se a existência de 13.200.000 cafeeiros no município de Londrina.

Neste momento ocorre a consolidação de uma elite no poder local, cujo ideário - o progresso - é caracterizado pela comparação do desenvolvimento do Norte do Paraná com a marcha para Oeste nos Estados Unidos, com ênfase na figura do pioneiro.

Este é, no discurso do poder, o quadro referencial da identidade regional do Norte do Paraná nos anos quarenta e cinquenta: o pioneiro (empreendedor liberal) em Marcha para Oeste constrói, com seu trabalho o Eldorado (terra do progresso), região

que oferece a todos as mesmas oportunidades de acesso à propriedade privada da terra, à liberdade econômica e política, à prosperidade e à felicidade.

Assim se consolidava, segundo aquele discurso, o capitalismo democrático no norte do Paraná - imenso planalto de terras roxas - as mais férteis do mundo - semelhante ao Middle West norte-americano.

"Era um Eldorado mesmo! Era como... o oeste americano. A conquista do oeste nos Estados Unidos foi uma coisa extraordinária para os Estados Unidos. Então o Norte do Paraná era como... foi o oeste para os Estados Unidos..."
(Sr. Hamil Adum, jornalista e advogado aposentado, 78 anos)

"Pioneirismo são aqueles homens que chegaram aqui em primeiro lugar marcaram sua presença por ações em benefícios da coletividade. Atuação em favor da coletividade e uma liderança pela inteligência, pela sua correção... e pelo seu espírito de servir. É como o líder político, não?" (SR. José Hosken de Novais, advogado, ex-prefeito, 75 anos).

"E aí então surgiu aquele ideal de conquista do norte do Paraná (...) mas isso eles demonstraram: que a riqueza do Paraná estava aqui e que Curitiba estava começando a crescer em virtude do trabalho dos homens do Norte do Paraná (...) E formou-se então, não uma casta, mas formou-se líderes incontestes... e prestaram serviço de liderança político-social à nova formação de 1946 em diante" (Sr. Alcyone P. F. Alves, ex-vereador, advogado e comerciante de café aposentado, 72 anos).

Sem dúvida os depoentes possuem uma visão progressista de História. Isso não significa que partilham da visão triunfalista do poder. Para muitos deles os termos progresso, Eldorado, pioneiro, possuem conteúdos específicos, determinados pelos lugares que estes ocupam na sociedade e por sua forma de ver o mundo. Eles permitem entrever as contradições, misérias e a violência social do progresso, no momento mesmo, de construção do Eldorado.

"O Eldorado... é porque as pessoas que vinha se implantava e conseguia viver bem. Por isso que eles falava que é Eldorado. Mas não era também o Eldorado para todo mundo, não é? O Eldorado foi para aquelas pessoas que conseguiram é... ficar com a posse da terra. Então para eles era eldorado, mas para aquela massa que trabalhava não era eldorado, não é? Por exemplo, os trabalhadores do nordeste (do Brasil), vieram muita gente para cá e ficava morrendo à míngua aí, não é? Levado como objeto para as fazenda, para prestar serviço para os grandes fazendeiros, e depois quando não servia mais, por qualquer circunstância, eles despejavam aqui sem nenhuma responsabilidade, não é?... Pioneiro é aquele elemento que veio para desbravar a terra aí, não é? Agora esses eram pioneiros com dignidade, agora têm outros pioneiro com indignidade, com malandragem... às vezes fizeram muita arbitrariedade! Que tem gente aí que matou índio, que matou posseiro, fez muito sangue para poder ser o que é hoje, e a história infelizmente tapa isso aí, não é?" (Sr. Genecy Guimarães, operário torneiro, militante comunista, 70 anos).

"Porque vinha nordestino para cá, mas geralmente era peão. Vinha aquela manada do nordeste (...) eles vinham colher café, sabe? Era bom, mão-de-obra, não é? (...) Você vai no serviço sujo, é tudo nordestino! Quem é que ia fazer esse serviço se não fosse eles? Tinham que vir de qualquer lugar. Só se trouxesse negro da África... tinha que trazer uns escravos da África que nem fizeram os portugueses aqui no começo, não é? (Mas não é só a violência das relações humanas. A destruição da natureza é parte da construção do Eldorado): Acabaram com as matas do Paraná inteiro (...) Terminou a guerra em 45? Eu acho que em vinte, trinta anos eles varreram a mata do Paraná inteiro" (Sr. Luiz Juliani, fotógrafo ambulante, 68 anos).

Para muitos a rotina estafante do trabalho é o que caracteriza o pioneirismo:

"Vida no sertão, rapaz! é dura! é dura! Tem que cortar lenha, carregar água na cabeça, lavar a roupa muito longe. Se não tem lenha picada, tem que picar lenha para fazer o café (...) Fogão de lenha, nem de ferro era... era de terra socada com a chapa em cima" (D. Maria Angélica de Lima, pequena proprietária, 79 anos).

Assim é possível verificar que as idéias de Eldorado e pioneirismo possuem conteúdos definidores de toda uma determinada ordem social que se implantou e, podem identificar o que era o Norte do Paraná nos anos quarenta e cinquenta.

3. O FIM DO ELDORADO

A crise da cafeicultura nos anos sessenta e setenta, o estado militar implantado a partir de 1964 e o próprio envelhecimento dos depoentes caracterizam o fim do mundo - relações sociais, políticas e culturais - conhecido como Eldorado.

"(...) depois que o café desapareceu, voltou-se para a lavoura de soja, cereais principalmente a soja que substituiu mais o café, mas aí tiraram a mão-de-obra do pessoal. Foi onde veio a miséria quando procuraram erradicar o café... Eu conheço a fazenda Maragogipe e outras, e era como uma cidade. O povo tudo ganhava dinheiro, todo mundo vivia contente, tinha aquela harmonia e depois que acabou o café, acabou! Todo mundo saiu, então tudo desesperado, que é onde criou esses bóia-fria e criou as grandes favelas na cidade... Mas tudo isso é a ganância do capitalista (...)" (Sr. Antônio Lima Sobrinho, operário da construção civil aposentado, 79 anos).

"Mas eu culpava o sindicato... Naquele tempo era patronal, era uma caderneta... Tinha a obrigação do colono e a obrigação do patrão... Hoje criaram esse negócio

de horário de trabalho. É lógico, tem que ter um limite para trabalhar, certo, eu concordo. Mas naquele tempo não tinha... e o que venceu muito foi o trabalhar mais para produzir mais e ganhar, não é? Eu acho! Mas esse entusiasmo não existe,(...) sei lá, acho que todo mundo tem o mesmo direito (...)" (Sr. Arlindo Codato, fazendeiro e comerciante de café falido, 76 anos).

Em primeiro lugar, é fundamental observar que uma vez mais os sentimentos dos depoentes - no caso, a tristeza, o estranhamento e incompreensão frente a um cataclisma que desarticula o mundo conhecido - definem o marco temporal da memória.

Em segundo lugar, observa-se que nos depoimentos citados, o mesmo processo é descrito a partir de perspectivas diferentes. Ganância do capitalista ou atuação do sindicato, para patrões e empregados as lutas sociais dos anos cinquenta e sessenta conduziram ao fim do Eldorado.

De fato, nos anos cinquenta inicia-se uma série de lutas no campo brasileiro com objetivo de estender aos trabalhadores rurais os mesmos direitos dos trabalhadores urbanos fixados na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), elaborada em 1943 durante o Estado Novo. Em 1954, foi fundado em Londrina o Sindicato dos Colonos e Assalariados Agrícolas do Norte do Paraná, com objetivo de unificar os trabalhadores rurais naquela luta.

O sindicato atuou basicamente no sentido de conquistar aqueles direitos pelas vias legais, apresentando ações reivindicatórias - salário mínimo, férias, etc. - à Justiça do Trabalho. Até então as relações entre patrões e empregados eram mediadas pelo Contrato do Colonato.

Por este contrato o patrão deveria fornecer moradia e pequena parcela de terra para que os colonos proovessem sua subsistência. Por sua vez, os trabalhadores eram remunerados em dinheiro, espécie e benefícios.

Frente à mobilização dos trabalhadores, os fazendeiros articularam-se para interferir na elaboração das leis trabalhistas que mediariam as relações no campo.

Sob pressão dos sindicatos rurais e das ligas camponesas, o Congresso Nacional votou o Estatuto do Trabalhador Rural que estendia a legislação urbana ao campo, mas que permitia também a criação do trabalhador volante (bóia-fria), cuja contratação (por

empreita temporária) não implicava no pagamento de benefícios sociais estabelecidos no mesmo estatuto.

Assim, o estatuto promulgado em 1963 permitia que os fazendeiros de café expulsassem os colonos do campo e contratassem bóias-frias sob a proteção da lei que deveria beneficiar aos trabalhadores.

"O trabalhador fazia quase parte da família (...) E acho que eles tinham uma vida de mais segurança, porque o patrão atendia. E hoje não. Hoje, como você para ter o trabalhador dentro de sua fazenda, você tem que assumir mil encargos sociais, não tem mais condições. Então, não dão mais a terra, não dão mais a casa, não querem mais ninguém morando lá e vai ficando esse povo... esses bóias-frias que você está cansado de ver por aí... na miséria, sem ter o que comer... sem condições de vida, não é?" (D. Vera Câmara, dona de casa, fazendeira, 73 anos).

O êxodo rural nestes anos foi extraordinário. Para se ter uma idéia do fenômeno, basta dizer que em Londrina - município que até hoje é predominantemente agrícola - já em 1978, 76% da população residia no núcleo urbano e apenas 24% na zona rural.

Além disso, os recenseamentos populacionais de 1980 e 1990 demonstram um acentuado decréscimo da população do estado do Paraná, tendo ocorrido inclusive, o quase desaparecimento de algumas cidades.

Em fins dos anos setenta os trabalhadores rurais passaram a se dirigir em massa para as novas frentes pioneiras, em abertura no norte do Brasil. A população migrante que permaneceu no Paraná, confinou-se nas periferias das cidades maiores como Curitiba, Londrina e Maringá, ocasionando a favelização.

Frente a este quadro é compreensível a idealização do passado da sociedade cafeeira que fazem os depoentes. Realmente, abstraindo-se o fato concreto da exploração da mão-de-obra na economia cafeeira, é possível verificar uma decadência das condições de vida dos trabalhadores rurais em todo o Norte do Paraná.

Há, no entanto, um outro fator que foi fundamental no processo de desaparecimento da cafeicultura.

A partir de 1957-58, iniciou-se um ciclo de superprodução que se prolongou pelos anos sessenta, agravando a instabilidade do mercado cafeeiro, provocando queda de preço e decréscimo acentuado das exportações do país.

A partir de 1961, o Governo Federal promoveu o maior programa de erradicação subsidiada do café de baixo rendimento e a modernização das plantações recentes. Os fazendeiros conseguiram ainda subsídios para implantarem culturas mecanizadas. Por volta de meados dos anos setenta a substituição do café por outras culturas - especialmente o soja e o trigo - havia se consolidado no Norte do Paraná.

Assim, o fenômeno conhecido como modernização da agricultura norte-paranaense foi a tentativa de eliminação dos conflitos rurais com a substituição dos homens pelas máquinas e também a mudança de culturas agro-exportáveis visando a continuidade da reprodução do capital agrário.

A democracia populista dos anos de 1946 a 1964, foi também um dos elementos que compunham o mundo do eldorado:

"Depois que os generais entraram a cidade perdeu tudo. Tudo! Não é mais a Londrina que era. Tudo alegria, tudo era maravilha. Nós não pensávamos que Londrina ficasse uma cidade triste. É uma pena, acabou! Entristeceu a cidade mesmo, ficou uma cidade cosmopolita, como uma cidade qualquer" (D. Severina Alho, dentista aposentada, 76 anos).

Assim, tanto na memória como na história os anos sessenta e setenta aparecem como um período em que se inicia a *crise da idéia de progresso* tal como era formulada no passado. As transformações deste período (o crescimento da cidade, o surgimento das favelas, as mudanças de valores morais, etc) são vivenciados por estes depoentes como decadência, vistos com estranhamento e perplexidade.

Acresce-se a isto, o fato de que o envelhecimento, para quase todos, significou a saída da cena pública, o fim da vida ativa e, portanto, a dispersão dos grupos de convívio. Desenraizados no presente, estes velhos encontram o seu lugar no mundo quando se identificam - e todos o fazem - como pioneiros. Esses homens e mulheres - os pioneiros - se vêem no presente como tendo a função de contar como foi o passado às novas gerações.

Mas, ao mesmo tempo que falam do passado, contam como é para eles, a vida no presente:

"Eu me recolhi. A única coisa que faço agora é esclarecer meus amigos... só isso eu posso te dizer" (D. Severina Alho, dentista aposentada, 76 anos).

"Então, o pioneiro, que eu considero, é aquele que veio para enraizar, para ficar, produzir naquela cidade... O que eu tinha, do meu conhecimento das coisas do passado é isso. Porque eu não tenho mais nada a acrescentar" (Sr. Antônio Lima sobrinho, operário da construção civil aposentado, militante comunista, 79 anos).

"Não sei se naquela época a gente estava trabalhando. Quando era moço, tudo era futuro, não é? Hoje a gente vive, mas não tem mais futuro para nada com a idade que está" (D. Maria Angelica de Lima, pequena proprietária, 79 anos).

"O que eu pude fazer para Londrina progredir, eu fiz. Pode ficar certo, eu só trabalhei..." (Sr. Jacintho Tosetti, oficial mecânico aposentado, 84 anos).

É no seu trabalho - entendido aqui como atividade humana em sentido amplo - que ajudou a construir a cidade do presente, que reside a sua identidade. Considerados globalmente, os depoimentos representam a construção desta identidade, definida aqui como *"um processo de apropriação simbólica do real, que supõe o domínio de um ator singular sobre um universo de significações"* (GAGNON, 1980:300).

Reinterpretar o passado, perceber a identidade presente e projetar um futuro mais justo e mais humano constitui a dimensão política do trabalho do historiador, não importa com qual fonte trabalhe ele. Mas, sem dúvida quando se põe a ouvir as vozes do passado no presente, este compromisso fica terrivelmente evidente.

Para todos deve ser estendido o direito à memória, e este direito - como todos os outros - só pode existir enquanto práxis social. Mais do que nunca - especialmente em um país preso em terríveis contradições como o Brasil - o direito à memória e à alteridade é fundamental para o redimensionamento do papel da velhice.

Saber acolher as experiências dos velhos é essencial para podermos hoje, dimensionar o futuro. Em uma mistura de esperança e desilusão, de realidade e utopia, então, em todos os lugares, como que a dizer:

"City of brotherly love,
Place I call home,
Don't turn your back on me.
I don't want to be alone.
Love lasts forever"
Neil Young. Philadelphia.¹

NOTAS

1 - Tradução livre: Cidade do amor fraternal/Lugar que chamo lar/Não se vire contra mim/Não quero ficar só/O amor fraterno é eterno.

BIBLIOGRAFIA

1. BERTAUX, Daniel. *L'approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités.* In: *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris, v.69, p. 197-225, Juillet décembre, 1980. (Numéro spécial).
2. GAGNON, Nicole. *Données autobiographiques et praxis culturelle.* In: *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris, v. 69-304, Juillet-Décembre, 1980. (Numéro spécial).
3. HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective.* Paris. Presses Univertaires de France, 1950.
4. NOVAES, Adauto (org). *Tempo e história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992.